

OS TAMBORES DE SÃO LUÍS

UM POUCO ALÉM DA LITERATURA*

José Neres

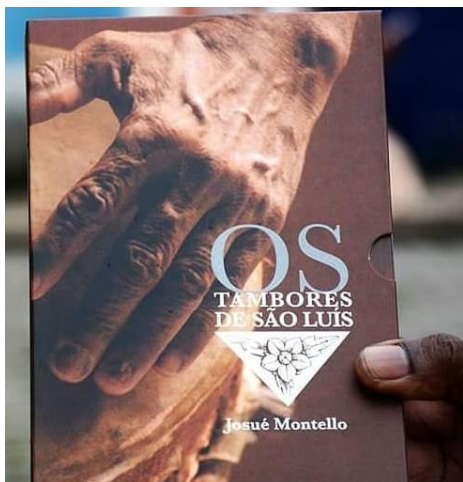


Figura 1 Fonte da Imagem: Internet

Sempre que eu encontro Joseane Souza, a gestora desta Casa de Cultura, tenho uma notícia boa. Geralmente é um evento, um lançamento de livro, uma exposição, um novo projeto sendo desenvolvido ou alguma novidade que levará o nome de Josué Montello para mais perto dos leitores. Então é sempre um prazer encontrá-la, bem como a todos os colaboradores e funcionários desta instituição.

Há algumas semanas, durante o lançamento dos livros do poeta Luís Augusto Cassas, novamente tive a honra de encontrar Joseane. Como sempre, foi uma conversa agradável na qual ela me informou que uma nova edição de *Os Tambores de São Luís* já estava sendo finalizada. Para surpresa minha, fui também informado de que eu havia sido escolhido (quanta honra!) para fazer a palestra de apresentação deste monumento literário. Sim, pois essa obra é um dos verdadeiros monumentos literários de minha terra.

O convite foi prontamente aceito, mas com ele veio uma grande preocupação: que falar para uma plateia tão qualificada e que, sem dúvida tem grande conhecimento acerca de Josué Montello e sua obra? Como a maioria aqui já leu o livro, ficaria meio redundante falar apenas sobre a obra em si. Porém, como outra parcela do público veio justamente para adquirir o livro a fim de poder lê-lo, já que há muito as antigas edições encontram-se esgotadas, não tem sentido diminuir o prazer das descobertas dessas pessoas. Comecei a viver então no meio de um angustiante dilema.

A aparente solução veio ontem à noite. Enquanto meus alunos faziam prova, peguei o computador e decidi contar a história de um rapaz que, há alguns anos veio aqui a esta instituição com o objetivo de ler *Os Tambores de*

* Palestra proferida na Casa de Cultura Josué Montello, na noite de 13 de junho de 2019, por ocasião do lançamento na nova edição do livro *Os Tambores de São Luís*.

São Luís e como esse romance começou a fazer parte da vida daquele estudante.

Passemos a essa breve história, que será entremeada por alguns discretos comentários sobre o livro que hoje é relançado.

No segundo semestre de 1993, a professora regente de Literatura Maranhense da Universidade Federal do Maranhão pediu que os alunos inscritos naquela disciplina lessem quatro livros: *Inês e Pedro* (de João Mohana), *A paixão de Thomas More* (também de João Mohana), *Cazuza* (de Viriato Correia) e *Os Tambores de São Luís* (de Josué Montello). Estávamos ainda bastante distantes da onda de procurar textos e livros no Google e as obras em PDF não faziam parte de nosso repertório. Restavam, então, aos alunos mais interessados, visitas às raras livrarias de nossa capital, longos passeios aos chamados sebos, onde livros com preços mais acessíveis eram garimpados, e horas e mais horas de exílio em bibliotecas, a fim de alimentar nossos desejos de ler as obras de determinados autores.

Foi nesse contexto que um rapaz com pouco mais de vinte anos adentrou, recomendado por amigos, pela primeira vez nesta Casa de Cultura. Ele chegou timidamente e pediu *Os Tambores de São Luís*, de cujo conteúdo ele não tinha a menor ideia. Foi prontamente atendido e ficou a princípio admirado com a qualidade de páginas. Aquela edição tinha pouco mais de 500 páginas. Sabedor de que seu tempo era escasso e que deveria ser bem aproveitado, aquele rapaz decidiu ler 50 páginas por dia a fim de executar a missão passada pela professora. Então, durante dez dias, ele esteve bem ali, no salão de leitura, envolvido com a saga de Damião e com as múltiplas peripécias que permeiam a obra.

Até o momento em que abriu as páginas daquele romance, a obra, o estilo e as narrativas montellianas eram totalmente desconhecidas para aquele rapaz, como, infelizmente, ainda hoje continuam sendo para muitos jovens estudantes de nossa terra. Contudo o leitor acabou sendo fisgado logo pelas primeiras linhas do livro, quando Josué Montello escreveu que:

Até ali os tambores da Casa-Grande das Minas tinham seguido seus passos, e ele via ainda os três tamboreiros, no canto esquerdo da varanda, rufando forte os seus instrumentos rituais, com o acompanhamento dos ogãs e das cabaças, enquanto a nochê Andreza Maria deixava cair

o xale para o antebraço, recebendo Toi-Zamadone, o dono do lugar.

O jovem universitário o livro ficou logo encantado com esse começo de narrativa que nada ainda dizia sobre o enredo da obra, mas que, como páginas depois ficaria bastante claro, serviria de base para todo o desenrolar da narrativa. Aquele pronome **ele** logo na segunda linha, sem qualquer antecedente situacional, instigava a busca pelo nome próprio que deveria substituir o pronome pessoal. Quem seria essa personagem tão misteriosa que parecia parte integrante das ruas, becos e bairros da cidade? Quem seria aquele homem levava na cabeça “**um chapéu de feltro inglês, presente do governador Luís Domingues no último Natal**”?

De repente, em uma cena rápida que somente os grandes artífices das palavras conseguem eternizar na mente dos leitores, Montello colocou literalmente seu protagonista em um foco de luz, pois “**Damião parou um momento, batido em cheio pela claridade do gás**”. Pronto! Bastou essa cena tão bem elaborada para que *Os Tambores de São Luís* e Damião, aquele homem que “**aos oitenta anos, dava a impressão de ter sessenta ou menos**” comesçassem a fazer parte do dia a dia daquele jovem leitor. Mesmo acostumado com a leitura dos grandes clássicos e sendo leitor inveterado desde a primeira infância, aquele estudante de Letras não se lembrava de haver lido uma outra apresentação de personagem ao público de forma tão iluminada e suave.

A partir daquele momento e nos dez dias seguintes, o novo frequentador da Casa de Cultura começou a viver atormentado pela tortura de cumprir o objetivo de ler por dia apenas as 50 páginas inicialmente planejadas. Rapidamente, recorrendo aos conhecimentos adquiridos em disciplinas como Teoria Literária e História da Literatura, aquele leitor pôde perceber que estava diante de uma obra de elevado teor, não apenas por trazer uma narrativa bem elaborada e cheia de peripécias que conduziam a sucessivos clímaxes, fazendo com que as personagens comesçassem a fazer parte do nosso cotidiano. De repente, ao caminhar pela capital maranhense, o jovem estudante parecia buscar as evidências da passagem de Damião pelas ruas e becos da cidade. Parecia que a realidade mergulhava nas páginas do livro e que a ficção saltava daquelas folhas impressas para impregnar a história da cidade com o sofrimento de Damião.

A intenção desta conversa não é, em hipótese alguma, resumir, sintetizar ou reduzir todo esse monumento literário em uma sequência de acontecimentos com começo, meio e fim. Desse modo, os presentes que

ainda não leram o livro podem ficar despreocupados, que não entraremos na onda os *spoilers*, como dizem os representantes desta sempre passageira juventude. Aqui também não se tem como objetivo fazer um retrospecto da vida e da obra de Josué Montello, já que boa parte de seus momentos foram fartamente contados por ele tanto em *Confissões de um romancista* como em seus alentados diários. Então, qual seria o objetivo deste encontro? Apenas dizer que uma nova edição de *Os Tambores de São Luís*, possivelmente a mais bela e bem planejada de todas, chega às mãos dos amantes da boa literatura? Creio que não. Creio que podemos ir bem mais adiante.

Pois bem, ao construir *Os Tambores de São Luís*, Josué Montello, que sempre foi dono de um estilo vibrante e de grande apreço pelo vernáculo com aplicações mais comportadas, talvez por isso mesmo não tenha merecido uma fortuna crítica mais aprofundada e menos esparsa, optou por mesclar de modo bastante sutil tópicos e personagens da história do Maranhão com uma incrível capacidade de criação artística. Ele mesmo comentou em alguns momentos que ficou prestes a desistir da empreitada por falta de alguns documentos que lhes fornecesse o embasamento histórico fundamental para evitar contradições e dissonâncias cognitivas.

Como o livro está estruturado em uma espécie de *mise-èn-abyme*, ou seja, em uma espécie de abismo de espelho no qual há o encaixe de múltiplas narrativas que fluem em direção de um desfecho que, de forma até inesperada, se liga ao começo da história. De modo bastante inteligente, Josué Montello aproveitou as aproximadamente oito horas de tempo narrativo efetivo para ali encaixar oitenta anos da vida do protagonista e, nesses oitenta anos de lembranças, o escritor aproveitou para imiscuir cerca de dois séculos da história do Maranhão e conseqüentemente da história do Brasil.

Os Tambores de São Luís não podem nem devem ser vistos apenas como uma obra de ficção que traz engastados em si alguns momentos de imbricações históricas. É, sim, um livro que permite ao leitor fazer um passeio turístico pelas ruas, praças, becos e monumentos históricos e conhecer melhor as visibilidades de uma cidade que de tanto ser vista, visitada e revisitada por nossos olhos acabou tornando-se um tanto quanto invisível aos olhos de seus filhos e moradores. Mas não para por aí. Há muito mais. O grande crítico literário maranhense Franklin de Oliveira considerava *Os Tambores de São Luís* como um romance de denúncia social, “um romance que se pronuncia a favor da integridade humana”. Tantas são as possibilidades de leitura desse livro que outro crítico de vital importância para

a solidificação do pensamento brasileiro – Wílson Martins, preferiu ver essa obra como “um romance psicológico, partindo do particular para o geral, caso em que a narrativa se desenvolve em espiral, tendo no negro Damião o centro dinâmico de convergência e irradiação”. Sobre o livro, o próprio Josué Montello dizia que procurou imprimir nele a configuração da narrativa histórica, “procurando conciliar o espírito plástico e o espírito crítico. O romancista confessou também que:

Ao adentrar-me no problema da escravidão, não somente o senti, na sua experiência realmente patética, como me compenetrei da sua grandeza, à hora em que o rancor do negro se diluiu na comunhão étnica, por intermédio da mestiçagem brasileira.

O livro também possibilita ao leitor entrar em contato com uma refinada técnica de narrativa com suas divisões específicas em apresentação, complicação, peripécias, clímax e desfechos totalmente interligados e



Figura 2 Autor da foto: Antônio Noberto

conduzidos por um fio condutor materializado na figura do protagonista Damião. Ao concluir a leitura dessa obra, qualquer pessoa, além de levar um choque a perceber que o desfecho já havia sido tantas vezes ensaiado ao longo da narrativa, levará em sua bagagem cultural muito mais que uma história que poderá ser repassada a diante. Ao terminar o livro, o leitor estará abastecido de muitos conhecimentos sobre a cultura maranhense, a história do negro no Brasil e no Maranhão, de um pouco da geografia do Maranhão, de noções de sociologia, antropologia, de folclore e também se sentirá mais íntimo de algumas personalidades lendárias que povoam o imaginário de nosso povo, como, por exemplo, Ana Jansen e Celso Magalhães.

Os Tambores de São Luís trazem para cada um de nós um misto de suspense, aventura, angústia, solidariedade, culpa, preconceito e tantas outras situações que nos fazem refletir sobre o que e ser humano e qual é nosso lugar no mundo. Mas, como eu prometi no início desta conversa, não anteciparei nada da história, pois acredito que quem já leu a obra prefere saborear as próprias reminiscências e quem ainda não teve essa oportunidade não ficaria contente com tal interferência.

Então paro por aqui e volto a rememorar o que aconteceu com aquele rapaz após aqueles dez dias de primeiro contato com a obra montelliana,

Dez dias úteis passaram rapidamente na história daquele estudante de Letras, que passou a fazer desta Casa de Cultura uma extensão de sua sala de aula e até mesmo de sua residência, pois, ora aqui, ora no antigo setor de Literatura Maranhense da Biblioteca Benedito Leite, ele foi tomando intimidade com a obra de Montello. Depois de *Os Tambores de São Luís*, vieram *Cais da Sagração*, *Aleluia*, *Noite sobre Alcântara*, *Um beiral para os Bentivis*, *Um Rosto de menina*, *Uma tarde, outra tarde*, *Duas vezes perdida*, *Pedra Viva*, *A indesejada aposentadoria*, *Janelas fechadas*, as crônicas, as



Figura 3 Parte da plateia pouco antes do início do evento.
Fonte: Instagram da CCJM

obras memorialísticas e tantos outros livros. Acho que ele ficou viciado em Josué Montello, tanto que passou a colecionar livros desse autor e a lê-los com regularidade.

E o que aconteceu com aquele rapaz? Ele apresentou o trabalho na Universidade, formou-se, constituiu família, voltou outras tantas vezes a

esta Casa de Cultura, continua lendo Josué Montello e hoje está aqui, diante de vocês apresentando esta nova e belíssima edição do livro e recomendando não apenas a leitura de *Os Tambores de São Luís*, mas também de toda a obra de Montello e de tantos outros autores maranhenses, cujos romances, contos, poemas, peças teatrais, crônicas e estudos dos mais variados estilos merecem ser apreciados, comentados e eternizados em nosso coração e em nossa memória.

Meu muito obrigado!